

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE LETRAS

PATRÍCIA DE SOUZA RODRIGUES

UM PARALELO ENTRE OS CASAIS PROTAGONISTAS DAS OBRAS *OLHAI OS
LÍRIOS DO CAMPO* E *SÃO BERNARDO*

SÃO LEOPOLDO
2007

PATRÍCIA DE SOUZA RODRIGUES

UM PARALELO ENTRE OS CASAIS PROTAGONISTAS DAS OBRAS *OLHAI OS
LÍRIOS DO CAMPO E SÃO BERNARDO*

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras habilitação Língua Portuguesa e Literatura.

Orientadora: Professora Mestre Vera Haas

SÃO LEOPOLDO

2007

Dedico este trabalho:
ao meu marido, Aroldo; às minhas filhas, Mariana e
Amanda; e à todas as pessoas que direta ou indiretamente
contribuíram para minha formação.

Foram muitos os que me ajudaram nessa caminhada.

Meus sinceros agradecimentos:

à minha família, pela confiança e apoio,
principalmente minha mãe, Iara; meus sogros, Armando
e Marlene; minha avó Maria e meu marido Aroldo;
à professora mestra Vera Haas, por aceitar a orientação
deste estudo.

“ A vida é uma oportunidade, aproveita-a;

A vida é uma beleza, admira-a;

A vida é um sonho, realiza-o;

A vida é um desafio, enfrenta-o.”

Madre Tereza de Calcutá

Resumo

Este trabalho estuda a possibilidade de traçar um paralelo entre os casais protagonistas das obras *Olhai os Lírios do Campo* e *São Bernardo*. O estudo das relações é feito através de uma análise psicológica dos protagonistas das obras focalizando, prioritariamente, o desejo de ascender socialmente representado na figura de Eugênio e Paulo Honório e a maneira como as personagens femininas, Olívia e Madalena, problematizam a vida desses personagens contrapondo materialismo e humanismo. De um lado, encontram-se valores ligados à uma sociedade extremamente capitalista e, de outro valores ligados à solidariedade e a religião. Para esse fim, antes da análise psicológica das personagens é feita uma reflexão acerca do romance de 30, utilizando como base a obra *O romance de 30* de José Hildebrando Dacanal.

Sumário

1 Introdução.....	8
2 Uma trajetória na literatura brasileira.....	10
3 Olhai os Lírios do Campo.....	18
3.1 Olívia e Eugênio.....	22
3.2 Eunice.....	25
4 São Bernardo.....	26
4.1 Madalena e Paulo Honório.....	29
5 Paralelos.....	34
Considerações finais.....	38
Referências bibliográficas.....	40

1 Introdução

Os modos como a ascensão social é tematizada em *Olhai os Lírios do Campo* e *São Bernardo* instigam uma análise, pois problemas sociais e relações interpessoais, assuntos abordados nas obras, hoje em dia, mais do que nunca, merecem atenção especial, já que a ganância e a disputa pelo poder a qualquer preço movem a sociedade ao longo de décadas. Eugênio e Paulo Honório encaixam-se nesse panorama, pois suas ações remetem a essa sociedade. Cabe, agora, saber se Olívia e Madalena problematizam as escolhas de Eugênio e Paulo Honório e se a repetição da encarnação do humanismo apresentado nas protagonistas femininas revela-se como o mote que gera um choque entre esses pares.

Erico Veríssimo e Graciliano Ramos são autores que, durante a década de 30, ascendem no quadro da literatura brasileira. Exímios romancistas da geração de 30, período em que se destacam obras de ficção realista, esses artistas apresentam duas obras significativas, Graciliano Ramos com *São Bernardo*, em uma perspectiva agrária, e Erico Verissimo com *Olhai os Lírios do Campo*, em uma perspectiva voltada para a vida urbana.

Escrito entre 1937 e 1938, *Olhai os Lírios do Campo* apresenta um enredo que gira em torno do protagonista Eugênio, um personagem que busca ascensão social porque sente-se humilhado por causa da sua condição de nascido em família humilde. O conflito principal de Eugênio é o seu complexo de inferioridade, como aponta sua esposa Eunice. O grande contraponto da vida de Eugênio é sua grande paixão Olívia, uma pessoa serena e humana, que entrega-se sem restrições e remorsos.

São Bernardo, escrito em 1934, apresenta um personagem também proveniente de origem humilde que não mede esforços para atingir seu objetivo maior que é a ascensão social, tornando-se proprietário da fazenda São Bernardo. Em contraponto com o personagem masculino, faz-se presente Madalena que, assim como Olívia, é um ser extremamente humano e solidário.

As duas obras apresentam seus protagonistas masculinos movidos por um objetivo maior, o poder, o crescimento econômico, e apresentam suas protagonistas femininas com uma visão de mundo voltada para o humanismo. É possível traçar um paralelo entre esses casais?

As obras analisadas no presente trabalho pertencem a década de 30. No primeiro capítulo, é traçada uma trajetória na literatura brasileira, enfatizando as características dos romances dessa época. No segundo e no terceiro capítulos, as características apresentadas para os romances da década de 30, são destacadas nas obras *Olhai os Lírios do Campo* e *São Bernardo* e, também, é feita uma análise psicológica dos casais Olívia e Eugênio, Madalena e Paulo Honório com a finalidade de traçar um paralelo entre esses pares. No quarto capítulo é feito um levantamento das diferenças e semelhanças entre os protagonistas para ver se há a possibilidade de traçar um paralelo entre eles e ver a importância desse paralelo como forma de compreender temas recorrentes nos romances de 30; como Olívia e Madalena antagonizam Eugênio e Paulo Honório; como isso nos ajuda a compreender valores ainda vigentes no Brasil em transformação.

2 Uma trajetória na literatura brasileira

Falar em história da literatura brasileira não é fácil, mas sabe-se que o marco inicial da literatura em nosso país data do descobrimento. A “Carta do achamento do Brasil”, escrita por Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, é o documento que inicia a literatura no Brasil. A partir daí, muitos períodos literários começam a destacar-se, o Barroco, o Arcadismo, o Romantismo, o Simbolismo, o Parnasianismo, enfim todos os movimentos que já conhecemos. Iniciamos nossa reflexão com um movimento em especial, o Modernismo, movimento que teve sua culminância com a Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo. Segundo Luciana Stegagno Picchio:

Desde que a denominação Modernismo penetrou como termo da crítica e da historiografia para designar uma precisa realidade literária (artística em geral) brasileira, a palavra assumiu uma pluralidade de significados diversos e apenas parcialmente coincidentes.

Conforme seja usada em acepção cronológica ou estilística, ou ainda quando, como na maioria dos casos, invoque as duas acepções, ela pode significar *lato sensu*, todo o período literário que vai desde 1922 aos nossos dias, e que teve uma “inauguração” oficial com a Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo de 11 a 18 de fevereiro de 1922; ou conjunto de experiências estéticas, estilísticas, expressivas, “culminadas” e oficializadas na Semana de Arte Moderna, como uma passagem da quantidade à qualidade, numa tomada de consciência de um processo há muito tempo em ação, numa revolucionária mudança (e não pacífico fluir) de personagens e de gerações na direção da inteligência nacional.(pág.463).

Os ideais apresentados na Semana de Arte Moderna foram expostos ao público durante o evento, mas, na verdade, eles já existiam na mente de muitos escritores antes da realização do acontecimento. Picchio aponta alguns antecedentes da Semana de Arte Moderna: o Futurismo, a relação entre várias artes como pintura, poesia e escultura, o expressionismo, marcado pelas caricaturas e o episódio do escultor Victor Brecheret que vai se candidatar à construção do Monumento de comemoração dos 100 anos da independência.

Com a Semana de Arte Moderna, renasce um espírito nacionalista e uma

necessidade de atacar a burguesia e a aristocracia. Os ideais dos artistas modernos vão de encontro a tudo que foi feito ou dito anteriormente na literatura brasileira. Há uma grande necessidade de romper com as estruturas do passado, há um repúdio à tradição clássica. Essa característica marca a primeira fase do movimento modernista. O Modernismo apresenta, além dessa primeira fase marcada pela Semana de 22, mais duas, a segunda, que vai de 1930 a 1945, e ainda uma terceira fase que vai do pós-modernismo aos dias atuais.

O que interessa para o estudo que se pretende efetuar é reunir dados que permitam uma compreensão do momento designado como Romance de 30, que pertence à segunda fase do Modernismo, levantar dados relativos à estética produzida por Erico Verissimo e Graciliano Ramos e, então, cotejar os protagonistas das obras *Olhai os Lírios do Campo* e *São Bernardo*.

Conforme dados extraídos de biografias referentes à vida do autor, Erico é gaúcho, nascido na cidade de Cruz Alta, a 17 de dezembro de 1905, casou-se com Mafalda Halfen von Volpe e teve dois filhos, Clarissa e Luis Fernando. Enquanto jovem, Erico trabalhou como bancário e farmacêutico. Teve sua estréia na literatura na *Revista do Globo* e a partir de 1930 tornou-se redator da revista, depois foi secretário do Departamento Editorial da *Livraria do Globo* e conselheiro editorial até a sua morte.

Erico Verissimo é um autor que, durante a revolução de 1930, ascende no quadro da literatura brasileira. Exímio romancista da geração de 30, período em que se destacam obras geralmente voltadas para o meio rural, o autor apresenta, em *Olhai os Lírios do Campo*, um romance com uma perspectiva voltada para a vida urbana. Vejamos o que diz Luciana Stegagno Picchio: “O contraponto urbano e burguês do romance rural nordestino vem do Rio Grande do Sul...” (p.536). Enquanto a maioria das obras escritas na década de 30 apresenta enredos voltados para o homem nordestino envolvido num contexto rural, Erico apresenta uma obra totalmente urbana, com personagens urbanos, nascidos e criados na cidade.

Olhai os Lírios do Campo nasceu de um fato presenciado por Erico numa visita a um hospital: um homem surgiu de um quarto com um criança recém nascida

e logo Erico soube que a mãe morrera no parto.¹ Ele é um romance que trata das questões individuais e da maneira como os indivíduos se enquadram dentro de uma sociedade em que o poder e o dinheiro prevalecem. Reflexo de uma sociedade extremamente capitalista, a obra apresenta personagens muito apegados ao poder, ao dinheiro e ao desejo de ascensão social.

Antes da publicação de *Olhai os Lírios do Campo* (1938), o autor havia publicado seu primeiro livro de contos, *Fantoches* (1932) e, em 1933, seu primeiro romance, *Clarissa*. Erico também publicou livros infantis, como *Os três porquinhos pobres*, *O urso com música na barriga*, *As aventuras do avião vermelho* e *A vida do elefante Basílio*.

Em 1941, o autor publica sua obra *Gato preto em campo de neve*, fruto de sua estada nos Estados Unidos a convite do Departamento de Estado norte-americano, a primeira de uma série de narrativas de viagens. No ano de 1943, ministra aulas na Universidade de Berkeley. Volta ao Brasil no final da Segunda Grande Guerra. Erico volta aos Estados Unidos em 1953 como diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-americana, secretaria da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Em 1947, o autor inicia a trilogia *O tempo e o vento*, cuja publicação termina só em 1962. Em 1967, publica *O senhor embaixador*, ambientado num país do Caribe que lembra Cuba. Em 1967, é a vez de *O Prisioneiro*, parábola sobre a intervenção dos Estados Unidos no Vietnã. Durante a ditadura militar, lança *Incidente em Antares*, uma crítica ao regime militar. Em 1973, sai o primeiro volume de *Solo de clarineta*, livro de memórias. O segundo volume foi publicado postumamente, Erico Verissimo morre em 1975.

Assim como Erico Verissimo, Graciliano Ramos ascende no quadro da literatura durante a década de 30. Conforme dados extraídos da obra *Ficção e confissão* de Antonio Cândido, Graciliano Ramos nasceu em Quebrângulo, Alagoas, a 27 de outubro de 1892. Jornalista e político, exerceu a prefeitura de Palmeira dos Índios quando morador da cidade. Publica seu primeiro romance, *Caetés*, em 1933. Nessa época, trabalha como diretor da Imprensa Oficial e da Instrução Pública. Em

¹ VERISSIMO, 2006. p.280.

1934, publica a obra *São Bernardo*, conforme o autor José Hildebrando Dacanal, “a súpula do romance de 30” (p.19), pois reúne e sintetiza as características apresentadas pelo estudioso para os romances desse período. Em março de 1936, é preso por atividades consideradas ilegais, mas nunca foi acusado formalmente e, em janeiro do ano seguinte, é libertado. As vivências do autor durante o período em que esteve preso foram retratadas no livro *Memórias do cárcere*, escrito em 1953. No ano de 1938, o autor escreveu *Vidas Secas*, em 1939, *A terra dos meninos pelados*, em 1942, *Brandão entre o mar e o amor*. Em 1944, *Histórias de Alexandre*, em 1945, *Infância de dois dedos*, em 1946, *Histórias incompletas*, em 1947, *Insônia* e em 1951, *Histórias Verdadeiras*. O autor falece a 20 de março de 1953, na cidade do Rio de Janeiro.

A partir de 1928, começaram a ocorrer no Brasil várias transformações ideológicas e econômicas. A ascensão do gaúcho Getúlio Vargas, eleito presidente da República após uma Revolução, a queda da chamada política do café-com-leite e o fim da forma de governo conhecida como República Velha marcaram o período. “Toda arte é, por evidência, integrante e produto das estruturas em que surge.” (Dacanal, pág. 09). O Romance de 30 integra-se na transição histórica do Brasil rumo à industrialização, distanciando-se de um país marcado pelo colonialismo. Com essa perspectiva, o Romance de 30 traz em seu conteúdo as características econômicas e psicológicas da época, retratando as tensões vividas num período extremamente delicado para o Brasil e para o povo brasileiro.

Para melhor refletir a respeito do Romance de 30, apresento a seguir as características descritas pelo autor José Hildebrando Dacanal. O autor fala que o Romance de 30 se resume a sete características, três de natureza técnica e as outras restantes de natureza temática.

Quanto às características de natureza técnica, destaca-se prioritariamente a verossimilhança. Há uma analogia entre a palavra e a vida, as ações estão muito próximas da realidade. As ações representadas captam essa realidade e convencem o leitor como se os fatos ali apresentados fossem verdadeiros ou, ainda, algo que poderia ter acontecido na vida real. O que vale destacar, aqui, nesse momento, é que a realidade captada é a vivida no início da terceira década do século XX.

Outra característica de origem técnica destacada por Dacanal (p.13) é quanto à estrutura dos fatos narrados. Ele diz que “o *romance de 30* é, fundamentalmente, linear. Isto significa que há uma correspondência cronológica entre a ocorrência dos eventos narrados e o lugar que ocupam no desenrolar da narração”. Mas, por via de regra, a linearidade pode ser exceção, pois há romances em que essa linearidade pode ser rompida, não excluída, mas, apenas rompida. Dacanal (p. 14) também diz que: “Técnicamente, esta linearidade que poderia ser chamada de “prática” é produto da presença constante do narrador em terceira pessoa ou, mais raramente, em primeira, como é o caso de *São Bernardo*”. Justamente uma das obras aqui analisadas.

Quanto à linguagem, última característica de origem técnica, o romance de 30 apresenta o chamado “código culto” dos grandes centros urbanos. Tanto narrador quanto personagens falam segundo as normas gramaticais própria dos grupos urbanos da costa atlântica, mesmo quando utilizam, é o caso das personagens, termos ou expressões pertencentes àqueles grupos urbanos.² O uso de expressões coloquiais garantem à obra a aceitabilidade do público leitor.

Quanto às características de origem temática, a que aparece em primeiro lugar, talvez por ser a principal do romance de 30, diz respeito ao seu valor documental, pois mostra a realidade brasileira vista de frente, com suas transformações políticas, com o fortalecimento da burguesia, com a industrialização, etc. Conforme José Hildebrando Dacanal:

O *romance de 30* fixa diretamente estruturas históricas perfeitamente identificáveis por suas características econômicas e sociais. Os personagens são integrantes destas estruturas, aceitando-as, lutando por transformá-las ou sendo suas vítimas. Ao contrário do que ocorre com quase todo o romance brasileiro do séc. XIX, não é preciso nem “interpretar” nem desvelar nada. A realidade histórica, em seus elementos econômicos e sociais, é agora parte que integra de forma imediata – sendo muitas vezes a mais importante – o enredo”, (pág.14)

Como segunda característica de origem temática, o autor diz que “estas estruturas históricas são geralmente agrárias. Ou então – o que cobre praticamente todas as obras do *romance de 30*” (pág.15). A expressão “praticamente” enquadra-se muito bem aqui, já que *Olhai os Lírios do Campo*, outra obra analisada nesse trabalho, apresenta uma história ocorrida no meio urbano. O novo compromisso dos

² DACANAL, 1986. p.15.

anos 30 elege, sobretudo, a prosa: de um lado social e regionalista, de outro, introspectiva e urbana.³

São Bernardo apresenta uma estrutura social agrária e *Olhai os Lírios do Campo* apresenta uma estrutura urbana, mas as duas obras apresentam a introspecção, pois, enquanto o protagonista masculino de *São Bernardo* descreve suas experiências pessoais focalizando suas atitudes, o protagonista masculino de *Olhai os Lírios do Campo* analisa e observa a maneira como seu pensamento acerca da vida e da sociedade traçaram seu destino.

Os indivíduos envolvidos nas histórias têm o compromisso de juntar os pedaços de uma sociedade desconcertada através de suas ações. Mesmo que os conflitos sejam extremamente violentos, há uma grande possibilidade de transformação, pois tudo que acontece em torno desses indivíduos, mesmo que seja incomum, é totalmente compreensível. Essa última característica de origem temática integra e encerra o conjunto de características expressas pelo autor José Hildebrando Dacanal para os romances escritos na década de 30.

Reunindo todos os traços apresentados para o *romance de 30* na obra de Dacanal, percebe-se que os elementos fundamentais para a existência de uma obra são os indivíduos e suas experiências individuais dentro das circunstâncias em que atuam. Relatar pormenorizadamente os cenários que rodeiam esses indivíduos garante uma descrição mais clara das trajetórias vividas por eles. Então, nesse momento, cabe uma reflexão mais detalhada acerca desses indivíduos.

Beth Brait, com sua obra *A Personagem*, contribui para que compreendamos esse elemento tão importante das narrativas literárias, as personagens. A autora deixa claro que personagem e pessoa são elementos distintos, mas ligados por uma força capaz de seduzir e encantar os mais distraídos.

Se um romance tem como uma de suas principais características a intenção de convencer o leitor de que o que é narrado poderia ser verdade, e consegue convencê-lo disso, e que, em se tratando dos romances escritos na década de 30, as narrativas refletem os acontecimentos históricos e a sociedade de uma

³ PICCHIO, 1997. p.523.

determinada época, as personagens, analisando por essa mesma perspectiva, da verossimilhança, não são pessoas, mas suas ações dentro da narrativa aproximam-se tanto das pessoas (seres humanos) que chegam até a serem confundidas com elas. Então pode-se afirmar que o enredo e as personagens de um romance captam a realidade e reproduzem-na de maneira tão fantástica que o receptor pode sensibilizar-se com os acontecimentos vividos dentro do texto literário. Em sua reflexão, a autora faz duas perguntas:

“ De que forma o escritor, o criador da realidade ficcional passa da chamada realidade para esse outro universo capaz de sensibilizar o leitor?”⁴

“ Que tipo de manipulação requer esse processo capaz de reproduzir e inventar seres que se confundem, em nível de recepção, com a complexidade e a força dos seres humanos?”⁵

Para responder as questões acima, a autora sugere que pensemos na linguagem. Como o homem reproduz suas relações com o universo, como ele cria, recria e simula um fato real. Para exemplificar a capacidade de simulação da realidade criada pelo homem, a autora utiliza a fotografia.⁶

A fotografia é, sem dúvida, uma fantástica representação da realidade. Ela reproduz fielmente a fisionomia da pessoa fotografada, mas representa apenas a fisionomia, o corpo, ou ainda, apenas o rosto, o fenótipo. Mas essa simulação da realidade nada diz do ser humano, da sua essência, das suas fragilidades e anseios. Ainda cabe ressaltar que existem fotografias que nem mesmo o fenótipo representam. Um fotógrafo é capaz de fazer truques fantásticos para que a pessoa fotografada pareça o que não é. Então, nesse momento, a captação do real assume um novo papel, a criação de uma nova imagem. Podemos, então, dizer que, através da fotografia, uma personagem foi criada, que a realidade passou à ficção.

Então que força é essa que liga personagem e pessoa e faz com que leitores fiquem encantados e seduzidos? Tomando por base a obra de Beth Brait, pode-se pensar que a força está no leitor e na sua tendência em encarnar a vida desses

⁴ BRAIT, 1985. p.12

⁵ BRAIT, 1985. p.12

⁶ BRAIT, 1985. p.12

seres da ficção. Dessa forma, acaba ocorrendo uma identificação entre leitor e personagem. Quem não se sente ora conformado, ora revoltado com as questões sociais e políticas? Enfim, com o mundo?

Beth Brait faz referência à classificação dada por E. M. Forster às personagens. Como diz a autora, Forster classifica as personagens como *planas* e *redondas*..:

As personagens *planas* são construídas ao redor de uma única idéia ou qualidade. Geralmente são definidas em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor.

Nesse momento, uma explanação sobre as personagens planas não é válida, já que os protagonistas a serem analisados nas obras *Olhai os Lírios do Campo* e *São Bernardo* entram numa outra classificação dada por Forster, a das personagens denominadas como redondas. A personagem redonda, através de suas ações, destaca-se e surpreende o leitor. A relação entre ambos tem que ter prevalência e o segundo tem que se convencer de que aquela vida, dentro do livro, realmente, poderia existir. Para Beth Brait:

As *personagens* classificadas como *redondas*, por sua vez, são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano.

Se uma personagem redonda constitui imagens totais ou particulares do ser humano, então pode-se reforçar a idéia de personagem como representação dos seres humanos e forte ligação entre ficção e realidade.

Parte-se, pois, do pressuposto de que os casais que protagonizam as duas obras são complexos, personagens cuja verossimilhança os aproxima das pessoas, dos seres humanos. Para fins de análise das obras, não utilizarei mais essa designação, pois o importante, nesse momento, é descrever a riqueza psicológica das personagens construídas por Erico e Graciliano a fim de compreender o que as torna tão verossímeis e, por isso, tão instigantes para a compreensão do homem representado no romance de 30.

3 Olhai os Lírios do Campo

Retomando as características apresentadas por José Hildebrando Dacanal para o romance de 30, percebo que *Olhai os Lírios do Campo*, obra escrita em 1938 pelo autor Erico Verissimo, apresenta, em sua estrutura, essas características bem definidas.

A verossimilhança, primeira característica apresentada por Dacanal, está presente em toda a obra, pois as ações das personagens e os fatos narrados estão muito próximos da realidade da época e, no momento em que o leitor entra em contato com o texto, sente-se convencido de que tudo que está escrito ali poderia ter acontecido realmente. Não podemos, por exemplo, ao fazer uma visita a Porto Alegre, observar os prédios e acreditar que um deles é o Megatério?

A linearidade, outra característica apresentada pelo autor, está presente em toda a história. Entretanto a narrativa é constituída de *flashs* de memória, a história oscila entre o passado e o presente do protagonista masculino. Essa linearidade durante o ato narrativo não se faz presente, mas “[...], este rompimento nunca é tão violento que impeça qualificar tais obras como “histórias com início, meio e fim.”(p.15).

A narrativa apresenta uma linguagem simples, gramaticalmente correta, mas bem próxima da linguagem do leitor, o que garante uma grande aceitabilidade da obra.

Olhai os Lírios do Campo traça um panorama social da época com bastante clareza e objetividade. As diferenças sociais aliadas ao preconceito aparecem bem definidas, basta observarmos os colegas de classe de Eugênio e Ernesto com seus uniformes novos e seus materiais caros contrastando com a situação de extrema pobreza dos irmãos que devem, até mesmo, a mensalidade da escola. Mais adiante, quando observamos a família Lobo, com um enfoque especial em Filipe Lobo, tomamos consciência da diversidade social apresentada na obra e da distância entre as classes. Também vemos a situação financeira privilegiada e o preconceito racial

andando lado a lado. Filipe repudia a possibilidade de envolvimento entre sua filha Dora e o judeu Simão. “- Aquele judeu patife... – murmurou, quebrando um lápis nas mãos.” (p.246)

A família Cintra, assim como a Lobo, formam uma dupla fascinada pelo processo de modernização vivido pelo Brasil e, quando se reúnem com amigos, deixam transparecer todo ódio que sentem, principalmente pelas comunidades judaicas e pelo comunismo. Podemos observar isso no trecho que destaca uma conversa entre “amigos” num jantar na casa dos Cintra, em que falavam de arte e, nesse caso, de um pintor mestiço chamado Diego de Rivera:

-Vejam, por exemplo – continuou Castanho -, o quanto há de dissolvente, de iconoclasta, de subversivo... de... de venenoso nos quadros murais desse mexicano. Nenhum respeito a Deus. A Lénin se dá importância espiritual maior que a de Cristo. Nenhum respeito à igreja... (p.158)

A questão do preconceito também pode ser observada em uma conversa entre Simão e Eugênio, em que Simão fala das perseguições que os judeus sofrem. O seguinte trecho comprova isso:

-Nasce um judeu no Brasil neste mesmo instante – continuou Simão – e já cai em cima dele toda maldição milenar da raça. Por quê? Porque ainda continuamos sendo judeus? Mas não seríamos judeus se não fosse o ódio dos cristãos. Eles nos perseguem, nos torturam... Temos uma tradição, sim. Mas essa tradição já teria desaparecido se não fosse esse inexplicável ódio que nos obriga a atitudes de defesa. Veja bem: de defesa e não de agressão. (p. 191)

Dacanal diz que “as estruturas históricas apresentadas nos romances de 30 são geralmente agrárias. Ou então – o que cobre praticamente todas as grandes obras do romance de 30... “(p.15), mas *Olhai os Lírios do campo* tem sua história passada no meio urbano, mais precisamente na cidade de Porto Alegre.

O momento histórico inserido na obra é a revolução de 1930. Ele aparece quando Eugênio e Olívia fazem uma cirurgia, sem sucesso, em um paciente com problemas abdominais. “Eugênio ficou a escutar o tiroteio. Nunca acreditara na possibilidade daquela revolução”.(p.75)

A realidade histórica apresentada na obra é bastante clara, os acontecimentos da época, o modo de vida das personagens e suas maneiras de pensar mostram essa realidade. Como afirma Dacanal em sua obra *O Romance de*

30: “A realidade histórica, em seus elementos econômicos e sociais, é agora parte que integra de forma imediata – sendo muitas vezes a mais importante – o enredo.”(p.14).

Ora, seu Jango – murmurou Ângelo, mal ousando encarar o credor. – Não foi por mal. É que a gente tem vergonha...

É muito fácil de dizer. Se tem vergonha, por que não paga? Eu não vivo de brisa, vendi e quero meu dinheirinho. (p.30)

Entrando no mundo das personagens, pode-se observar que elas integram o mundo apresentado com muita vivacidade. Enquanto uns aceitam com naturalidade o destino que lhes foi reservado, como os pais de Eugênio com suas vidas de privações, como Dora e Simão que optam por desistir do amor em favor do preconceito e do medo, como o Dr. Seixas que vê na medicina uma profissão e não um meio de enriquecimento, outros querem transformar suas vidas, levando-as além do que realmente necessitam para serem felizes. Filipe Lobo é um bom exemplo, não se contenta com o mundo em que vive, quer o progresso a qualquer preço. O desejo pelo poder e o crescimento econômico é o objetivo maior de uma personagem que não se conforma com a vida que o destino lhe reservou, Eugênio Fontes.

A trama tem seu início com uma ligação da Irmã Isolda, enfermeira do hospital em que Olívia encontra-se internada em estado grave, para Eugênio, solicitando que o mesmo compareça junto de Olívia, pois essa quer falar-lhe. Eugênio decide ir até o hospital visitá-la e, enquanto percorre o caminho, reconstitui sua história através de uma retrospectiva.

Eugênio nasceu em uma família muito humilde, seu pai, Ângelo, é alfaiate, sua mãe, Alzira, cuida da casa, dos filhos, e ajuda Ângelo nas costuras. Eugênio sente pena do pai e esse sentimento de pena é tão grande que ele não consegue sentir mais nada pelo pobre homem, nem mesmo amor. Mas, mesmo sendo uma família pobre, os pais conseguem fazer com que Eugênio estude em uma escola particular e num internato de bom nível.

O filho não concorda com as atitudes do pai frente a situações adversas, o homem nunca demonstra nenhum tipo de reação frente à situação alguma, nem

mesmo quando é humilhado pelas outras pessoas, ou pior, nem mesmo quando é humilhado pelo próprio Eugênio, como na situação em que o filho finge não ver o pai vindo em sua direção e até mesmo atravessa a rua para que seus colegas, agora da faculdade de medicina, não o vejam. Na verdade, ele sente vergonha do pai, que falece pouco antes que o filho conclua o curso. “Seu pai era apenas o pobre Ângelo.” (p.28)

Sempre aspirando a ascensão social, Eugênio termina o curso de medicina, profissão que poderia lhe dar muito prestígio, mas não alcança com a profissão o objeto de seu desejo. Na noite da formatura, ele conhece Olívia, sua colega de curso, com a qual mantém um relacionamento amoroso, mas não assume nenhum compromisso com ela. Depois de algum tempo, a médica recebe um convite para trabalhar em uma cidade do interior e acaba aceitando. Enquanto Olívia trabalha na capital, Eugênio conhece Eunice, filha de um bem sucedido empresário, e vê nela a oportunidade de atingir o objetivo que traçou para sua vida desde criança: ser rico. Eugênio casa com Eunice Cintra, ganha um bom cargo na empresa do pai dela, um bom consultório médico e, finalmente, torna-se um homem rico. O que durante sua infância e juventude era apenas um sonho, “Sonhou que era rico” (p.34), agora é realidade.

-Então vamos entrar nos dinheiros do velho Cintra, hem? Ele ficou vermelho e continuou a caminhar sem dizer palavra. Aquilo, porém, não lhe saiu dos ouvidos. Era incrível como uma tola observação casual se lhe pudesse gravar com tanta força e penetração no espírito. Os dinheiros do velho Cintra. Fiação e Tecidos Cintra, Companhia Arroeira Cintra & Cia., Companhia imobiliária Cintra...[...] E por que não? Não queria deixar-se vencer pela vida. Não correr atrás de Eunice. O destino os aproximara. Ele não tinha culpa. (p. 112, 113)

O casamento com Eunice durou três anos e, durante esse tempo, ele tenta de todas as formas ser agradável e mostrar competência a todos que o cercam em sua nova vida, porém seu trabalho na fábrica não passa de pura burocracia, pois limita-se a assinar papéis e, no seu consultório médico, recebe poucos clientes.

Eugênio encontra-se insatisfeito em sua vida, cansado de fingir ser o que não é, ele necessita apenas de um impulso para iniciar seu processo de transformação. Isso não foi tarefa fácil para ele, pois precisou passar por um processo de escolhas dolorosas baseadas em renúncias, rupturas e reconstruções. Primeiramente teve que romper com Eunice, depois teve que romper com seu sogro e renunciar a seu

trabalho na indústria, o que lhe rendia o *status* e o dinheiro tão sonhados e, finalmente, romper consigo mesmo. Depois ele precisou reconstruir alguns valores e o principal deles, o que vai ajudá-lo no processo de transformação, é o religioso. Ele não se torna um católico praticante, mas se dá conta de que Deus existe e se pode encontrá-lo nas coisas mais simples da vida.

3.1 Eugênio e Olívia

Olhai os Lírios do Campo tem seu enredo centrado na vida do jovem Eugênio Fontes, suas escolhas éticas e o reflexo dessas escolhas em sua vida pessoal. O principal conflito de Eugênio é o complexo de inferioridade seguido de covardia e egoísmo. Desde criança, ele sofre com sua condição de nascido em família humilde, sentindo-se, na maioria das vezes um pobre coitado. Ele não aceita a vida que seus pais levam, repudia a pobreza e sente-se inferiorizado diante dos outros. O episódio da calça furada revela a personalidade de Eugênio, pois mostra sua impotência diante de um acontecimento simples do cotidiano. Diante desses sentimentos, ele traça um objetivo para sua vida e a partir daí passa a viver dividido entre a realidade e um ideal.

Na primeira parte da obra, que vai até o capítulo 12, o enredo desenvolve-se em dois tempos: passado e presente. O passado, em que aparece a formação da personagem principal, Eugênio e o presente, em que aparece sua viagem ao hospital onde Olívia está internada. O passado está representado por caracteres em redondo e apresenta-se por meio de *flashes* de memória. Os caracteres em itálico representam o presente, a viagem até o hospital. Na segunda parte da obra, os trechos em itálico assumem nova função, a inserção da voz de Olívia através de cartas.

Eugênio vive, por muitos anos, dividido entre esses dois mundos. Conduzido pelas expectativas sociais e sempre aspirando a ascensão social, torna-se incapaz de perceber-se enquanto ser, faz de tudo para ter sucesso. Seu primeiro passo foi o

curso de medicina, mas, mesmo depois de formado e exercendo sua profissão, não consegue livrar-se da situação de pobreza e sente-se incapaz de exercer a medicina. Isso pode ser observado numa conversa entre Eugênio e Olívia: “- Para que é que hei de ser hipócrita? Odeio a pobreza. Ter poucas roupas (não é vaidade é uma questão de higiene, de decência), não ter nenhum conforto, andar sempre pensando no fim do mês...”(p.99). E o segundo passo foi seu casamento com Eunice, que também não deu muito certo, pois o complexo de inferioridade ainda o persegue.

Eugênio atravessa uma crise existencial muito grande. Não consegue adaptar-se ao mundo em que vive e começa, aos poucos, a perceber que os valores sociais e econômicos rebaixam os indivíduos a meros objetos. A formação escolar e familiar ajuda Eugênio a iniciar um processo de tomada de consciência, já que intimamente ele é um indivíduo correto, e o impulsiona para a busca de uma vida mais digna e humana. “- Às vezes – continuou ele – descubro dentro de mim forças de bondade, de pureza. São elas que me dão alguma esperança, que me dizem que nem tudo está perdido...”(p.147)

O grande contraponto da vida de Eugênio é Olívia. Ela é pobre como ele, porém isso não a incomoda, muito pelo contrário. Olívia é um ser equilibrado, consciente do seu papel dentro da sociedade, extremamente humana, religiosa e digna. Ela entrega-se à Eugênio sem cobranças nem remorsos, demonstrando uma capacidade de amar com respeito e tolerância.

Assim como Eugênio, Olívia também é médica, mas ela não vê na ciência a cura para os males da humanidade, mas na crença, na fé em Deus, no amor e na capacidade de equilibrar relações pessoais e profissionais. Ela enfatiza a solidariedade e a relação existente entre vida e fé.

Através de suas cartas , Olívia faz com que Eugênio repense seus valores, toca diretamente em seu coração. Em uma delas, a última escrita antes de sua morte, ela utiliza como referência o trecho do Sermão da Montanha, que deu origem ao título da obra. No Sermão da Montanha, Jesus faz uma crítica ao materialismo e defende a fé como único meio de sobrevivência. Nessa carta, ela revela seu otimismo e sua confiança num mundo melhor, ela também sugere a Eugênio que

repense sua vida, suas atitudes em prol da riqueza e reflita sobre as relações entre os seres.

Quero que abra os olhos, Eugênio, que acordes enquanto é tempo. Peço-te que pegues a minha Bíblia que está na estante de livros, perto do rádio, leias apenas o Sermão da Montanha. Não te será difícil achar, pois a página está marcada com uma tira de papel. Os homens deviam ler e meditar esse trecho, principalmente no ponto em que Jesus nos fala dos lírios do campo que não trabalham nem fiam, e no entanto nem Salomão em toda a sua glória jamais se vestiu como um deles.(pág. 153)

Para Olívia, solidariedade e fé são essenciais à vida e dão sentido à existência humana, sem isso não há razões para viver. As cartas que ela deixou revelam não somente sua fé como também seus valores morais, e na medida que vão sendo lidas por Eugênio, o impulsionam à procura da transformação de seus valores e à procura de um novo caminho para sua vida. Para ela, Deus proporciona a cada ser uma existência e cabe a cada um adequar-se a ela ou procurar melhorá-la baseando-se no que é certo e justo. O amor, a fé e a tolerância servem como ponto de equilíbrio para a vida dos indivíduos e o dinheiro deve ser uma consequência do trabalho de cada um. Quando as finanças aparecerem em detrimento desse ponto de equilíbrio cabe a cada um parar e ponderar sobre o que é prioridade. “[...] E quando o amor ao dinheiro, ao sucesso, nos estiver deixando cegos, saibamos fazer pausas para olhar os lírios do campo e as aves do céu.” (p.153)

Olívia proporciona à Eugênio, através de suas cartas, a transformação e a tomada de consciência e, através de Anamaria, filha do casal, a renovação e o recomeço. Renovação porque, através da menina, ele consegue manter Olívia viva em sua memória e recomeço porque Anamaria traz otimismo e esperança em um futuro mais humano e digno.

Deixo-te Anamaria e fico tranqüila. Já estou vendo vocês dois juntos muito amigos na nova vida, caminhando de mãos dadas. Pensa apenas nisto: há nela muito de mim e principalmente muito de ti. Anamaria parece trazer escrito no rosto o nome do pai. É marca de Deus, Genoca, compreende bem isto. Vias continuar nela: é como se te fosse dado modelar, com o barro de que foste feito, um novo Eugênio. (p.153)

Confiar a filha a Eugênio é mais um ato de amor e de fé por parte de Olívia. A antiga companheira confia no homem que amou, percebe e instiga seu caráter justo e sugere que ele busque um recomeço, reconstruindo-se ao educar Anamaria.

Certamente Olívia, mesmo vivendo somente na memória e no coração de Eugênio, contribuiu para a superação dos obstáculos que o impediam de ter uma vida plena. Ele passa a ser um indivíduo que acredita na possibilidade de viver como um instrumento de ajuda aos outros, integrado na realidade do mundo e não na realidade que criara para si, um ser em harmonia consigo e com os outros. Mesmo na memória, ela o acompanha e os ideais dela passam a ser os dele. “Veja o mal que faz às pessoas a falta de um ideal superior, seja ele religioso, artístico ou simplesmente humano.” (p.259) Pode-se perceber, com a passagem anterior, que ele mudou o foco acerca de um ideal, pois ele não cita o dinheiro, mas apenas a necessidade de um ideal superior.

3.2 Eunice

Eunice Cintra aparece na vida de Eugênio Fontes como uma luz, uma oportunidade de mudança. Ela foi, em um determinado momento da vida de Eugênio, a esperança. Esperança de conseguir, por um meio rápido e fácil, o objeto de seu desejo. Ela proporciona a ele o sucesso, mas um sucesso que já está pronto.

Na visão de Eugênio, ela é indiferente, fria, incapaz de demonstrar boa vontade em relação à ele. Faz questão de dizer que ele sofre de complexo de inferioridade e não o ajuda em nada para a superação desse problema. Eunice não parece ser esposa de Eugênio, mas uma estranha, que vive num mundo à parte.

Mas não ajudá-lo na superação do seu problema, como foi dito, é a visão de Eugênio, porque, na verdade, a inserção dele no universo dela é o ponto de partida para sua tomada de consciência, pois, não conseguindo adequar-se ao mundo dela, ele entra numa grande crise de consciência. Então, mesmo que indiretamente, e que Eugênio não perceba, ele precisa da esposa para dar início ao seu processo de mudança.

4 São Bernardo

Assim como *Olhai os Lírios do Campo*, *São Bernardo* é um romance da década de 30. A história é linear, pois o protagonista, que também é narrador, conta sua história num tempo posterior aos fatos, obedecendo a ordem cronológica dos eventos vivenciados por ele durante a vida. O texto não apresenta riqueza de detalhes, porque o protagonista conta apenas aquilo que é importante para seu desenvolvimento econômico, mas percebe-se, claramente, a linearidade dos fatos ocorridos. “Se tentasse contar-lhes a minha meninice, precisava mentir. Julgo que rolei por aí à toa. Lembro-me de um cego que me puxava pelas orelhas e da velha Margarida.”(p.11).

A velha Margarida é a única referência familiar na vida de Paulo Honório, pois, na ausência dos pais, foi ela quem o criou. Por isso, ela é o único indivíduo a quem ele demonstra alguma gratidão, e esse é o único sentimento dele em relação à ela. Essa gratidão é feita, depois de muitos anos, através da doação de uma casa na fazenda, com o necessário para sua sobrevivência.

“Até os dezoito anos gastei muita enxada ganhando cinco tostões por doze horas de serviço.” (p.11). Essa passagem mostra a intenção do narrador em contar sua história desde a infância. Percebe-se que a linearidade apresenta-se pela organização das memórias de Paulo Honório, pois ele procura ordenar suas lembranças.

Mas, se a história respeita a linearidade, a linguagem parece atentar contra a verossimilhança. Paulo Honório, que é um homem bruto e sem instrução, escreve seu livro utilizando uma linguagem próxima a do leitor e gramaticalmente correta. Como ele pode escrever tão bem se aprendeu a ler com um sapateiro quando estava na cadeia?

Então, o delegado de polícia me prendeu, levei uma surra de cipó-de-boi, tomei cabacinho e estive de molho, pubo, três anos, nove meses e quinze dias na cadeia, onde aprendi leitura com o Joaquim sapateiro, que tinha uma bíblia miúda, dos protestantes.(p.13)

Mas, no momento em que a linguagem parece atentar contra a

verossimilhança, é ela própria que ajuda a tornar o personagem verossímil, pois, apesar de ser gramaticalmente correta é econômica e, por vezes, bem próxima da oralidade, da linguagem de um matuto. Ou seja, há uma economia própria de quem pouco se acostumou ao muito expor. E palavras como bando, utilizada no lugar de muitas. “ Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.” (p.38), medonhas e punhado, evidenciam o cotidiano do personagem narrador. Não é somente a linguagem que torna Paulo Honório verossímil, seu modo de vida e seu trabalho no campo também assumem essa função.

A estrutura histórica apresentada é agrária, pois a história se passa num ambiente rural. O momento histórico inserido na obra, assim como em *Olhai os Lírios do Campo*, é a Revolução de 1930. As notícias sobre a revolução chegam à fazenda São Bernardo através dos que vem da cidade. “Padre Silvestre recebeu-me friamente. Depois da revolução de outubro, tornou-se uma fera, exige devassas rigorosas e castigos para os que não usaram lenços vermelhos.”(p.06). E ainda: “Um dia Azevedo Gondim trouxe boatos de revolução. O sul revoltado, o centro revoltado, o nordeste revoltado.” (p.175)

São Bernardo apresenta Paulo Honório, solitário e decadente, na busca de um entendimento de si mesmo, repensando suas atitudes e vivências. A história relembada é contada num tempo posterior aos fatos. Paulo Honório vivenciou uma série de experiências que, agora, com cinquenta anos, pretende relatar em um livro, para sobretudo, tentar entender Madalena, sua esposa.

No primeiro capítulo, Paulo Honório narrador expõe seu projeto de compor a obra pela “divisão de trabalho”.⁷

Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do *Cruzeiro*. Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria o meu nome na capa. (p.05)

Apesar de todo esforço para compor a obra, os dois primeiros capítulos ficaram falhos. Paulo Honório não aprovou o trabalho, pois ele estava mascarado dentro de sua própria biografia, estavam fazendo ele parecer o que não era. “Vá

⁷ LAFETÁ, 1999. p.192.

para o inferno Gondim. Você acanalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá alguém que fale dessa forma!” (p. 07). Nesse momento aparece toda a simplicidade de Paulo Honório, pois ele não se reconhece no discurso do outro, uma vez que esse usa uma organização frasal distante da oralidade, da linguagem de um matuto. Retomar a empresa mais tarde garante um tom confessional ao texto.

Abandonei a empresa, mas um dia destes ouvi um pio de coruja – e iniciei a composição de repente, valendo-me dos meus próprios recursos e sem indagar se isto me traz qualquer vantagem, direta ou indireta.

Afinal foi bom privar-me da cooperação de padre Silvestre, de João Nogueira e do Gondim. Há fatos que eu não revelaria, cara a cara, a ninguém. (p.08).

No terceiro capítulo, Paulo Honório começa a relatar sua vida. “ Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinqüenta anos pelo São Pedro” (p. 10). A partir do terceiro capítulo, Paulo Honório narrador conta a história de Paulo Honório personagem que de guia de cegos passou a proprietário da fazenda São Bernardo. A descrição de sua figura ajuda a garantir uma certa respeitabilidade.

Depois da posse da São Bernardo, Paulo Honório precisa encontrar uma esposa para, juntos, terem o herdeiro da fazenda. Ele tem seu herdeiro, mas seu casamento é um verdadeiro fracasso. E, na tentativa de entender o que aconteceu com sua esposa e com sua vida, é que ele toma a decisão de escrever o livro.

A história contada por Paulo Honório ignora os fatos que não são importantes e dá uma pequena noção daqueles mais decisivos. O homem rude quer explicar seu sucesso econômico, seu fracasso no casamento e sua decadência.

Paulo Honório deixa de ser um indivíduo ativo para tornar-se um indivíduo paralisado, estagnado diante dos acontecimentos, principalmente do suicídio de Madalena. A partir desse momento, o ritmo rápido da narrativa dá lugar à lentidão e às divagações. “[...] aqui, sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, à hora em que os grilos cantam e a folhagem das laranjeiras se tingem de preto.” (p.183).

“Levanto-me, procuro uma vela, que a luz vai apagar-se. Não tenho sono. Deitar-me, rolar no colchão até a madrugada, é uma tortura. Prefiro ficar sentado,

concluindo isto. Amanhã não terei com que me entreter.”(p.188)

4.1 Paulo Honório e Madalena

A obra tem seu enredo centrado na vida de Paulo Honório. Ele é um ser, praticamente, sem caráter e bastante ganancioso. Seu alvo principal é tornar-se proprietário da fazenda São Bernardo que pertence a Luís Padilha. Paulo Honório é frio e calculista, aproveita-se da fragilidade de Padilha para tomar-lhe a fazenda. Ele calcula, induz, manobra, é inescrupuloso, cerca-se de todos os meios para atingir seu objetivo.

O meu fito na vida foi apossar-me das terras de São Bernardo, construir esta casa, plantar algodão, plantar mamona, levantar a serraria e o descaroador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, adquirir um rebanho bovino regular. (p.09)

Mas antes de focalizar seu alvo, ele já apresentava indícios de um desvio de caráter assentado no sentimento de posse. “Depois botou os quartos de banda e enxeriu-se com o João Fagundes, um que mudou o nome para furtar cavalos. O resultado foi eu arrumar uns cocorotes na Germana e esfaquear João Fagundes.” (p.11,12). Nessa passagem, percebe-se o sentimento de posse apresentado por Paulo Honório em relação a Germana e a violência utilizada contra João Fagundes, por conta desse sentimento.

Depois desse episódio, sua realização como homem passa a concentrar-se no acúmulo de bens e de propriedades, mesmo que alguns desses bens não tenham nenhuma utilidade para ele, nem que ele tenha que utilizar a violência para consegui-los. “Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.” (p.38)

Segundo Antônio Cândido:

Dois movimentos o integram: um, a violência do protagonista contra os homens e coisas; outro, a violência contra ele próprio. Da primeira resulta São Bernardo-fazenda, que se incorpora ao seu próprio ser, como atributo penosamente elaborado; da segunda, resulta São Bernardo-livro-de-

recordações que assinala a desintegração da sua pujança. De ambos, nasce a derrota, o traçado da incapacidade afetiva.(p.29)

Paulo Honório não consegue fazer uma fusão entre sua vida profissional e pessoal. A primeira resulta na degradação da segunda. A violência dele em relação ao próximo lhe garantiu a posse da fazenda e de tudo mais que ele possui e a violência contra ele próprio como o apego exagerado aos bens materiais e a indiferença aos sentimentos e aos valores humanos mais básicos o levaram ao encontro da decadência, fatores relatados em seu livro.

A ambição de Paulo Honório não tem limites. Ele não hesita em avançar com a cerca para dentro da fazenda Bom-Sucesso. Aproveita-se da fragilidade das filhas do Mendonça quando esse morre. Morte, aliás, meio suspeita.

Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo do Salustiano Padilha. Houve reclamações.

-Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça. (p.39)

O episódio da morte do proprietário da fazenda Bom-Sucesso revela toda a frieza de Paulo Honório em relação ao outro. Ele mostra-se, completamente, indiferente à morte de Mendonça.

Que horror! Exclamou padre Silvestre quando chegou a notícia. Ele tinha inimigos?

-Se tinha! Ora se tinha! Inimigo como carrapato. Vamos ao resto, padre Silvestre. Quanto custa um sino? (p.33)

A obsessão produz em Paulo Honório uma grande crueldade. Interessa-se pelo outro na medida em que este está ligado aos seus negócios, e na ética dos números não há lugar para o luxo do desinteresse.⁸

O sentimento de propriedade é tão grande em Paulo Honório que ele pensa que todos que o cercam são objetos que ele manipula e conduz conforme suas vontades e necessidades. Padilha, Marciano e Rosa, Seu Ribeiro, são seres que servem a ele, que o fazem crescer economicamente. Já mestre Caetano, que encontra-se entredado na cama, não merece mais nenhuma consideração de sua parte.

⁸ CÂNDIDO, 1992. p.25.

Todas as benfeitorias da fazenda São Bernardo visam o lucro. Depois que a fazenda estava organizada, ela recebeu a visita do governador que gostou muito da propriedade e perguntou onde se localizava a escola. A construção de uma escola dentro da fazenda agradaria ao governador e poderia render-lhe bons negócios.

De repente supus que a escola poderia trazer a benevolência do governador para certos favores que eu tencionava solicitar.”

-Pois sim senhor. Quando V. excia. vier aqui outra vez, encontrará gente aprendendo cartilha. (p.43)

Depois de ter atingido seu principal objetivo, a posse da fazenda São Bernardo, Paulo Honório muda seu foco para a posse da jovem Madalena. Esse fato reforça o caráter obsessivo de Paulo Honório. Ela surge para ele como “umas pernas e uns peitos”, pois é dessa forma que ela aparece nas conversas entre João Nogueira e outros. Aliás é esse quem sugere Madalena à Paulo Honório como um bom negócio, já que ele tinha a intenção de construir uma escola e ela como professora poderia lhe render algum lucro.

A partir desse momento, Madalena revela-se como um desafio para ele. Enquanto os outros apenas falam das pernas e dos peitos, ele passa a cercá-la até conseguir possuí-la. O seu objetivo é alcançado por um afastamento proposital com a intenção de fazer-se indiferente a ela. Quanto ele reaparece, ela aceita casar-se.

Madalena, esposa de Paulo Honório, é instruída, culta, inteligente e, principalmente humana. Essas características se opõem às de seu esposo. Ela possui uma visão de mundo voltada para a solidariedade, e ele, para o capitalismo e para a propriedade. O choque entre ambos – e o desastre final – seria, portanto, o choque entre duas visões de mundo, entre duas concepções de sociedade.⁹

Ma a solidariedade de Madalena vai revelar-se num momento posterior, após o casamento. Isso pode ser percebido pela sua dedicação aos funcionários da fazenda, por seu desejo de colocar a escola em funcionamento, por sua preocupação com os baixos salários pagos aos empregados. Esse revelar-se depois do casamento torna Madalena ambígua, já que, para conseguir casar-se com ela, Paulo Honório mostra à futura esposa as vantagens de um casamento com o proprietário da fazenda São Bernardo. E no momento em que ela aceita, dá a

⁹ DACANAL, 1986. p.20.

impressão de estar casando por interesse. Mas, a aparente ambigüidade de Madalena também é fruto do caráter de Paulo Honório, pois no instante em que ele oferece a possibilidade de uma vida melhor à ela, também oferece essa possibilidade à família da professora.

Paulo Honório tenta fazer com Madalena o que faz com seus empregados, torná-la um objeto de uso próprio, mas não consegue. No início, ela pareceu-lhe frágil, fácil de manipular, de dominar, mas ele se enganou, ela tem iniciativa, é decidida, independente, expõe suas idéias sem autorização prévia ou constrangimentos e mostra-se completamente indiferente ao poder.

-Qual é o ordenado?
 -Ora essa! Estranhou Padilha. A senhora ocupar-se com essas migalhas! Receber ordenado! Era tirar de uma mão e deitar na outra.
 -Por que não? Se seu Ribeiro tiver de aposentar-se... Quanto ganha o senhor, seu Ribeiro?
 O guarda-livros afagou as barbas brancas:
 -Duzentos mil-réis.
 Madalena desanimou:
 -É pouco.
 -Como? Bradei estremecendo.
 -Muito pouco.
 -Que maluqueira! Quando ele estava com o Brito, ganhava cento e cinquenta a seco. Hoje tem duzentos, casa, mesa e roupa lavada.
 -É exato, confessou seu Ribeiro. Não me falta nada, o que recebo chega.
 -Se o senhor tivesse dez filhos, não chegava, disse Madalena.
 -Naturalmente, concordou d. Glória.
 -Ora gaitas! Berrei. Até a senhora? Meta-se com os romances
 Madalena empalideceu:
 -Não é preciso zangar-se. Todos nós temos nossas opiniões.
 -Sem dúvida. Mas é tolice querer uma pessoa ter opinião sobre assunto que desconhece. Cada macaco no seu galho. (p.99,100)

A professora opina sobre negócios e política, inicialmente sem dar-se conta do lugar que agora ocupa. Por vezes, afronta o marido de modo direto. Madalena é urbana, moderna, ingênua como diz Dacanal, “[...] incapaz de entender a realidade histórica, muito menos, os esquemas de dominação e de poder.” (p.22). Já Paulo Honório é agreste e primitivo, embora pareça moderno, por seu instinto capitalista, não é. Ele tenta adequar-se à ela, mas sua rudeza fala mais alto, todas as tentativas são inúteis.

“Tive, durante uma semana, o cuidado de procurar afinar a minha sintaxe pela dela, mas não consegui evitar numerosos solecismos. Mudei de rumo. Tolice. Madalena não se incomodava com essas coisas. Imaginei-a uma boneca da escola normal. Engano.” (p.95)

Como Paulo Honório não consegue adequar-se nem compreender Madalena, surge nele um patológico ciúme. “Três anos de casado. Fazia exatamente um ano que tinha começado o diabo do ciúme.” (p.167). Todos que freqüentam a fazenda São Bernardo são possíveis amantes de Madalena. Nem padre Silvestre é poupado. Apesar de mostrar-se forte, Madalena não agüenta as pressões do marido, nem a vida que leva e todas as circunstâncias a levam ao suicídio.

Entrei apressado, atravessei o corredor do lado direito e no meu quarto dei com algumas pessoas soltando exclamações. Arredei-as e estanquei: Madalena estava estirada na cama, branca, de olhos vidrados, espuma nos cantos da boca.

Aproximei-me, tomei-lhe as mãos, duras e frias, toquei-lhe o coração, parado. Parado.

No soalho havia manchas de líquido e cacos de vidro. (p.168)

Paulo Honório fica sozinho. Seus sentimentos são uma mistura de revolta, remorso e a certeza de ter cometido muitos erros em prol de uma vida inútil.

Cinquenta anos! Quantas horas inúteis! Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber para quê! Comer e dormir como um porco! Como um porco! Levantar-se cedo todas as manhãs e sair correndo, procurando comida! E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez, que porcaria! Não é bom vir o diabo e levar tudo? (p.184)

Madalena não conseguiu êxito na relação com o marido, pois a dureza e a ignorância encontraram em Paulo Honório um terreno bastante fértil para obter força e crescimento. A interferência dela surge, gradativamente, após sua morte, como uma possibilidade de reflexão para ele, mas apenas isso, pois tudo isso não faz de Paulo Honório um indivíduo mais humano. Ele atribui a culpa dos acontecimentos da sua vida à fatores externos e não a si próprio. “ Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.” O máximo que consegue é refletir acerca de sua vida, com a certeza de que, se pudesse começar tudo de novo, faria as mesmas coisas, teria as mesmas atitudes. Ele não tem consciência do processo sócio-econômico em que está inserido, mas percebe que há uma relação entre a profissão e seu modo de ser.

5 Paralelos

Em *Olhai os Lírios do Campo* e *São Bernardo*, a ascensão social, tema abordado nas obras, está representada nas figuras de Eugênio e Paulo Honório e a solidariedade e o humanismo estão representados nas figuras de Olívia e Madalena. Valendo-me da análise feita sobre essas personagens reforço a pergunta inicial. É possível traçar um paralelo entre os casais que protagonizam as obras *Olhai os Lírios do Campo* e *São Bernardo*?

Pensando no desejo que os protagonistas masculinos têm de ascender socialmente, sim. O que os diferencia é a validade dos meios utilizados para chegar à tão sonhada ascensão.

O complexo de inferioridade, a repulsa pela pobreza e as humilhações são os elementos que movem toda a busca de Eugênio Fontes, protagonista de *Olhai os Lírios do Campo*, em relação à ascensão social. Os meios que ele utiliza para chegar a ela não são ilícitos, muito pelo contrário. Seu primeiro passo é o curso de Medicina, pois essa profissão poderia lhe dar o *status* tão sonhado, já que um médico sempre tem respeitabilidade e bom salário.

Mas a profissão não é suficiente para ele, a situação de pobreza e o complexo de inferioridade ainda o perseguem, então, ele parte para um outro meio, o casamento por interesse. Para Eugênio, seu casamento com Eunice é um ato natural e sem maldades, pois ela mostrava interesse por ele. Com o casamento, Eugênio passa a ser respeitado e conhecido dentro da sociedade, mas não consegue se adaptar à vida de sua esposa, e o complexo de inferioridade ainda o persegue.

Desestabilizado e desorientado, surge nele uma grande crise existencial e dela surge a possibilidade de rever seus valores. Essa possibilidade é dada através da voz de Olívia, por meio das cartas, pois esta já está morta. A crise surgida em Eugênio muda completamente seu foco, se antes lhe interessava luxo e riqueza, agora lhe interessa, prioritariamente, a paz.

Os ensinamentos de Olívia têm como base o Sermão da Montanha. O próprio título da obra o retoma, e esse sermão vai guiar todo processo de mudança gerado em Eugênio. Mas, para encontrar a paz, ele precisa reavaliar os valores que julga

importantes para sua vida.

Certamente a religiosidade representada em Olívia revela-se como o motivo que o impulsiona à mudança. Olívia fez surgir em Eugênio algo que, intimamente, ele já possuía e que precisava apenas ser despertado, a solidariedade, pois somente através da solidariedade e da ajuda ao próximo ele conseguiria alcançar a paz. Isso não é uma tarefa difícil, pois ele foi criado sob um teto digno e respeitável, com uma família bem estruturada que, apesar da pobreza, conseguiu dar a ele estudo e, principalmente, exemplo de dignidade. A presença da filha do casal, Anamaria, também auxilia Eugênio no seu processo de mudança.

Já para Paulo Honório, protagonista de *São Bernardo*, a violência e a posse são os elementos que movem sua busca pela ascensão social. Os meios que ele utiliza para chegar à ascensão, ao contrário de Eugênio, são ilícitos, mas para ele não o são. Assim como Eugênio, Paulo Honório veio de uma infância de extrema pobreza, porém sem referência familiar

Por ter sido, durante sua vida, severamente massacrado, como resposta, ele massacra, manipula, induz, age com violência e desrespeito ao outro. Não apresenta limites para atingir seu principal objetivo, a posse da fazenda São Bernardo. Por meio da esperteza, ele consegue passar de funcionário à proprietário da fazenda, reduzindo seu antigo proprietário, Luis Padilha, a um mero serviçal, quase um escravo.

A obsessão pelo ter impregna a alma de Paulo Honório. Ele não possui limites e o próximo só interessa quando, a custo pequeno, o ajuda na obtenção de lucros para si e reconhecimentos junto a sociedade. Até mesmo sua esposa, Madalena, era vista como um bom negócio, pois, para ele, o casamento era uma oportunidade de obtenção de um herdeiro para tudo que construiu.

A frieza de Paulo Honório é tão grande que sabemos do nascimento de seu filho porque, num determinado momento do romance, ele fala que o menino está chorando e nem mesmo cita o nome do filho. Talvez ele não julgasse importante a existência desse filho, uma vez que declara que Madalena tinha tido um menino e não que eles tinham tido um menino. Trata o menino como se o filho não fosse dele

também. A atitude de Paulo Honório em relação ao filho opõe-se à de Eugênio, pois este, apresenta carinho e dedicação para com Anamaria, aliás, vale lembrar, ela o ajuda no processo de mudança.

Desorientado e sem rumo, Paulo Honório, depois do suicídio de Madalena, passa a refletir sobre suas atitudes. Nesse momento, ela passa a ajudar Paulo Honório, pois faz com que ele busque o verdadeiro sentido dado à sua vida. Madalena ajuda seu esposo a refletir não somente sobre sua vida, mas, também, a entender São Bernardo – fazenda. Porque o final trágico da fazenda São Bernardo está intimamente ligado ao final trágico deles.

Madalena e Paulo Honório, desde o casamento, foram um de encontro ao outro. Os ideais dela foram destruídos pela rudeza e ignorância dele, e o final de tudo isso foi trágico, culminando com sua morte. Ela interfere na vida de Paulo Honório também depois da sua morte, porém essa interferência o leva apenas à busca de um entendimento sobre seu casamento, sem sucesso, pois ele é incapaz de entender os valores humanistas expressos pela esposa. Tudo isso não redime Paulo Honório. O máximo que ele consegue é refletir acerca de sua vida sem conseguir modificar-se enquanto indivíduo..

Olívia e Madalena problematizam a vida de Eugênio e Paulo Honório que, apesar de se oporem quanto a validade dos meios para chegarem aos seus objetivos, têm a mesma intenção, ascender socialmente. Mesmo que Madalena não tenha conseguido fazer de seu esposo um ser mais digno, foi capaz de levá-lo a reflexão, de levá-lo a busca de um sentido para a vida. Não podemos esquecer o modo como Paulo Honório foi criado. Já Olívia teve total êxito no seu papel de redentora, pois Eugênio conseguiu modificar-se enquanto ser. Mas, também, temos que levar em grande consideração o modo como foi criado.

Cabe ressaltar que existem diferenças entre Olívia e Madalena. As duas são urbanas, porém Madalena saiu de uma pequena cidade e depois passou a viver no meio rural. Ela perdeu o vínculo com o ambiente urbano, foi impedida de perceber as transformações pelas quais o país estava passando, foi anulada de seu verdadeiro mundo. Já Olívia pertence a uma grande cidade, Porto Alegre. Embora tenha ido trabalhar em uma cidade do interior, não perdeu o vínculo com o meio

urbano, continuou a vivenciar as transformações ocorridas na sociedade.

Olívia e Madalena são simples, mas nessa simplicidade também há diferenças. Olívia entende a posição de Eugênio, conhece seu problema, mas não o aponta, apenas o orienta, na tentativa de ajudá-lo a perceber-se enquanto ser digno, em paz consigo mesmo e com os outros. Como já foi dito, ela tem êxito no seu papel. Madalena não compreende a posição do marido, nem tampouco o que o levou a ter esse tipo de atitude. Ela foi de encontro à ele, expondo suas idéias, opinando sobre os problemas da fazenda, sobre os salários dos funcionários e isso perturbou demais Paulo Honório e o resultado foi a tragédia.

As duas estudaram, Olívia é médica e Madalena é professora, porém, Olívia exerce sua profissão, Madalena não, porque também foi impedida pelo marido. Mesmo com uma escola na fazenda, ela não pode exercer sua profissão, talvez pelas idéias de ajuda aos funcionários e a seus filhos.

Refletindo sobre a análise feita nas obras *Olhai os Lírios do Campo* e *São Bernardo* acerca dos casais que protagonizam essas obras, concluo que é possível traçar um paralelo entre os casais Eugênio e Olívia, Paulo Honório e Madalena.

Considerações finais

O desejo de ascender socialmente e a disputa pelo poder a qualquer preço, presentes nas obras analisadas, são assuntos que mantêm-se atuais. Dessa forma, o paralelo traçado entre as personagens protagonistas das obras, nos ajuda na compreensão não só, dos temas recorrentes nos romances da década de 30, mas, também, na compreensão de valores ainda vigentes no Brasil que, assim como naquela época, ainda está em transformação.

Os romances escritos na década de 30, em geral, apresentam críticas referentes à política, à economia e às estruturas sociais. Os indivíduos estão, inseridos na realidade do Brasil, mas envolvidos, prioritariamente, em conflitos individuais. Em *Olhai os Lírios do Campo*, aparecem diálogos entre as personagens que revelam como eram as formas de pensamento daquela época, como por exemplo, em relação ao preconceito. Essa questão social está representada na figura de Simão. Já *São Bernardo* apresenta uma crítica à estrutura social e, também, o protagonista inserido em problemas individuais.

O processo de modernização e o crescimento urbano-industrial, está representado nas figuras de Filipe Lobo de *Olhai os Lírios do Campo* e Seu Ribeiro de *São Bernardo*. Claro que há uma grande diferença entre esses personagens, porque Filipe Lobo é produto do Brasil moderno. Ele contribui, como engenheiro, para o crescimento da cidade. E Seu Ribeiro representa o processo de modernização porque foi derrotado por ele. O crescimento urbano foi tão grande que ele teve que abrir mão de sua vida, perdeu espaço dentro do ambiente em que vivia. Foi submeter-se aos desmandos de Paulo Honório, talvez, por ser acostumado com o estilo, “um manda, outros obedecem”.

Isso tudo não é diferente nos dias atuais, por isso essas obras, apesar de pertencerem a década de 30, são tão atuais. A ganância e a disputa pelo poder a qualquer preço movem a sociedade nos nossos dias. O paralelo traçado entre os personagens das obras analisadas ajuda na compreensão dos valores ainda vigentes num país que está sempre em transformação. Os romances evidenciam a vida de indivíduos, os conflitos gerados por uma sociedade em mudança, fazendo-nos refletir sobre o Brasil de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDINI, Maria da Glória. As tentações de um jovem nos anos 1930. In: AGUIAR,

Flávio. Erico Verissimo, orientações para o trabalho em sala de aula. São Paulo: Editora Schwarcs Ltda, 2005.

BORDINI, Maria da Glória. Criação literária em Erico Verissimo. Porto Alegre: L&PM, 1995.

BOSI, Alfredo. História consisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRAIT, Beth. A personagem. São Paulo: Ática S.^a, 1985.

CANDIDO, Antonio. Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de janeiro, 1992.

DACANAL, José Hildebrando. O romance de 30. 2^a ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

FORSTER, E.M. Aspectos do romance. Trad. Maria Helena Martins. Porto Alegre: Globo, 1969.

LAFETÁ, João Luiz. O mundo à revelia. In: RAMOS, Graciliano. São Bernardo. 68^a ed. Rio de janeiro: Record, 1999.

PICCHIO, Luciana Stegagno. História da Literatura brasileira. Trad. Pérola de Carvalho e Alice KyoKo. Rio de janeiro: Nova Aguilar, 1997.

RAMOS, Graciliano. São Bernardo. 68^a ed. Rio de janeiro: Record, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos. 6^a ed. Rio de janeiro: José Olympio, 1960.

VERISSIMO, Erico. Olhai os Lírios do Campo. 4^a ed. São Paulo: Editora Eschwarcs Ltda, 2005.